

# PALCO

JUIZ DE FORA, MARÇO. 2009. ANO II. Nº 04

## CENTRAL 80 ANOS DE OUSADIA E BELEZA

"Será amanhã incorporado ao patrimônio material e artístico da nossa encantadora cidade mais um melhoramento que assombra pela concepção e ousadia dos que o idealizaram e realizaram, vencendo obstáculos e dificuldades de toda a ordem". Assim a primeira página do *Correio de Minas* anunciou, em 29 de março de 1929, a inauguração do Cine-Theatro Central. A cidade, que testemunhou o nascimento do teatro, há 80 anos, era bem distinta da que conhecemos hoje: sociedade e espaço urbano modificaram-se consideravelmente, acompanhando as transformações no mundo, mas o Central permanece como um de seus marcos arquitetônicos.

Projeto do arquiteto Raphael Arcuri pela companhia de seu pai, a Construtora Pantaleone Arcuri, o Central foi a primeira edificação em concreto armado de Juiz de Fora. É o

Contudo, o mais interessante dentre os projetos não fora assinado por Castegliani, mas por Hugo Arcuri, filho de Raphael, que, àquela época, já "estagiava" na construtora. Mais do que remodelar o Central à estética *déco*, Hugo imaginou transformá-lo em uma "verdadeira máquina, assumindo de vez a fascinação do estilo pelos maquinismos contemporâneos", sentença Olender em sua tese. Afinal, a ideia não vingou, e o teatro permaneceu com sua fachada original.

### ORNAMENTAÇÃO INTERNA

Se por fora o teatro é modesto, o mesmo não se pode dizer de seu interior: com o projeto de decoração concebido pelo pintor Ângelo Bigi e executado com auxílio



### NESTA EDIÇÃO

LITERATURA  
OS CAMINHOS DA  
POESIA MINEIRA

SÉRGIO LESSA  
AS NOVIDADES DA  
3ª EDIÇÃO

MEMÓRIA  
A EFERVESCÊNCIA  
CULTURAL DA  
GALERIA CELINA

ENTREVISTA  
O TRABALHO E AS  
PAIXÕES DE  
ARTHUR ARCURI

ARTES PLÁSTICAS  
JUIZ DE FORA  
NA VISÃO DE  
SEUS ARTISTAS

resultado da união entre as mais modernas técnicas de engenharia e os materiais de ponta produzidos pela indústria da época. A estrutura do teto de 36 metros de extensão, sustentado por colunas e suportado por tesouras metálicas, foi apontada pela imprensa como uma das mais raras e inovadoras da América do Sul.

Para entrar no teatro era necessário passar por uma porta localizada na Rua Halfeld e atravessar uma grande galeria que levava às suas instalações. A entrada principal não era vista pelos transeuntes, fato que – aliado a uma postura de simplificação ornamental que vinha sendo adotada por Arcuri desde 1923 – explica a singeleza de sua fachada. Pouco mais tarde, no início da década de 30, surgiu a proposta da abertura de um largo no local, com a demolição parcial de duas edificações voltadas para a Halfeld – uma delas, a antiga loja dos irmãos Gripp, foi o primeiro projeto conhecido, desenhado e construído pela Pantaleone. A intervenção possibilitou o arranjo de uma nova composição arquitetônica: o Largo João Pessoa, ladeado por duas construções em *art déco*.

O Cine-Theatro passa então a exibir sua fachada que, embora siga os padrões estilísticos ecléticos, não apresenta uma ornamentação rebuscada. "Logo surgem novos projetos de fachada, para adequar o Central tanto à sua maior visibilidade quanto ao estilo das edificações laterais, que estava em voga nos anos 30", relata o professor de História da Arte e de Patrimônio Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Marcos Olender.

Autor da tese de doutorado "Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri", Olender localizou registros de estudos da firma de Pantaleone para mudar a face do Cine-Theatro. "Fui pesquisar no arquivo da prefeitura e deparei com desenhos de novas fachadas para o Central, a maioria assinada por JAC. Procurei Arthur Arcuri para indagar sobre a sigla e descobri que eram as iniciais de José Albionti Castegliani, desenhista da companhia", explica.

de seus dois ajudantes, Carlos Gonçalves e Heitor de Alencar, o Central passou a ostentar a maior obra de artes plásticas em local público da cidade. Na pintura, que acompanha toda a extensão das paredes e do teto – além da boca de cena, o guarda-corpos e o saguão – Bigi utilizou a técnica da *têmpera* sobre o reboco, bem como o recurso do molde vazado, para a decoração fitomorfa e geométrica.

Recuperando um tema típico da renascença florentina, o artista retratou a figura metamórfica do rei dos pastores na Arcádia grega, o Deus Pã – divindade mitológica pertencente à era primitiva da humanidade. Seguindo a tradição retórico-alegórica, o pintor empregou adereços, como os chifres de cabra, que simbolizam o poder da entidade de intervir sobre o sol e a lua para controlar seus efeitos sobre a terra. Como pastor primitivo, Pã se apresenta com meio corpo de homem e meio de cabra para enfrentar a severidade da natureza. Sua masculinidade é ressaltada: farta barba, pele avermelhada e músculos salientes são qualidades proporcionadas pelo fogo e pelo ar, os dois elementos mais nobres da natureza, segundo a interpretação clássica.

Entretanto, em vez de carregar outros adereços rústicos, como a pele de pantera e a bengala de pastor, o Pã de Bigi toca corneta e flauta, assentado em civilizado ambiente de arquitetura clássica, em meio às flores e musas que o cercam. Assim, a divindade mitológica retratada pelo artista distancia-se da Arcádia grega para aproximar-se daquela italiana idealizada pelo poeta Virgílio, cuja obra exerceu grande influência sobre a pintura alegórica, ilustrativa e satírica renascentista.

De certa forma, o conjunto, formado pela estrutura inovadora do teatro, e o reino mítico ideal recriado por Bigi em seu interior remetem à epopéia da burguesia industrial local que, na época, progredia a passos largos rumo ao desenvolvimento.





## LITERATURA OBVIDADES?

Quais seriam, por assim dizer, as tendências mais relevantes dentro do atual panorama da poesia mineira? Haveria alguma inclinação incontestável? Alguma preferência estilística ou referencial? Que relação poderia ser estabelecida entre essa preferência (supondo que de fato ela exista) e a produção poética que se consolida fora de Minas Gerais? Onde se encontram localizados os contrastes e as coincidências? Até que ponto a relevância de obras como as de Drummond e Murilo Mendes, entre tantas outras de inegável valor, ainda serve como base para as novas produções?

Muitos são os desdobramentos que podem ser suscitados a partir dessas questões. Já se tornou trivial afirmar, por exemplo, que a marca mais característica de nosso tempo, no que tange à manifestação estética, reside num determinado culto à multiplicidade. Ora, este é um fato por demais evidente e generalizado, incontestável até, quando observamos a poesia atual. Mas é um fato que, também, visto assim isoladamente, explica muito pouco. Ao priorizar apenas valores tecnicistas ou mercadológicos, ao colocar em segundo plano a necessidade cotidiana de humanizar o homem e a sociedade, de dar voz e corpo também ao seu imaginário, o momento atual de nossa civilização impôs às artes em geral, sob a roupagem de uma verdadeira missão de guerra, a incumbência de resgatar a todo instante o mistério que move o nosso estar-no-mundo. De sacar do limbo, viva e reluzente, a voz pânica da origem. Ainda que precariamente, essa voz encontrava, outrora, algum espaço natural de ressonância na vida privada ou coletiva. Ou seja: era audível no dia a dia das pessoas. Com o rompimento desse precário equilíbrio, surge dos escombros um homem mutilado de seu próprio imaginário, enfim condenado à cartilha cartesiana de uma realidade utilitária e institucionalizada.

Tudo isso provoca violentamente o dizer estético, levando-o a extremos que, antes de serem princípios meramente formais ou estilísticos, são na verdade focos de resistência às políticas massificadoras de

empobrecimento cultural e de degradação humanitária. Logo, nas obras onde determinadas instâncias de leitura encontram apenas uma trama alógica ou desprovida de qualquer sentido, amiúde podemos perceber a cristalização de um combate em que talvez importe muito pouco, com efeito, estar à sombra de conteúdos inequívocos. Não cabe, nessa luta, ficar ensaiando palavras de ordem ou discursos de tese. As próprias obras tornam-se frutos de uma prática renovadora. Por conseguinte, a multiplicidade em questão não passa de, sob determinados aspectos, uma reação bem articulada às coerções impostas ao trânsito dos produtos estéticos na sociedade contemporânea. Não se trata de um mero recurso de diferenciação, de uma busca de contraste ou de ruptura. É algo bem mais profundo.

Em face disso, não chega a ser difícil perceber a extensão desse culto à diversidade de caminhos na poesia mineira contemporânea. Poder contar com uma tradição que inclui autores de grande qualidade é um incentivo sem par. Ao contrário do que já foi dito algures, o aparecimento de uma grande geração não sufoca o trabalho das gerações subsequentes. Possuir escritores excepcionais amplia o nível de exigência – tanto do público quanto dos próprios poetas – e força novos e contundentes diálogos. O apelo à multiplicidade, assim, não pode ser considerado um patrimônio do momento. Devemos ler poeticamente até mesmo os manuais de periodização literária. Ôticas normativas não combinam com o fato estético. As notáveis distinções entre obras tão superlativas quanto as dos contemporâneos Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade são iniciais. Essa diversidade é nossa hoje e já foi de outros antes. Felizmente. Tomara que chegue, assim bem viva e vertiginosa, aos poetas de amanhã.

Lacyr Anderson Freitas

Poeta, contista, ensaísta e autor de, entre outros, *A soleira e o século* e *Tinca dos traídos*.

## SÉRGIO LESSA DIVERSIDADE À VISTA

Diversidade artística, uma premissa do Projeto Sérgio Lessa, marca a terceira edição do programa de democratização do acesso à cultura e de ocupação do Cine-Theatro Central por produtores locais. Em sua terceira edição, o projeto da Pró-reitoria de Cultura da UFJF agraciou 12 produções, entre apresentações de música de vários gêneros e espetáculos de dança e teatro, que ocuparão 15 datas destinadas a produtores e artistas locais, com isenção do aluguel do Central. Além disso, os contemplados desta edição contam com novidades.

Os produtores agora dispõem de liberdade na fixação de valor dos ingressos, que poderão ter o preço máximo de R\$ 20. Para Valéria Ferreira (a Nadma), empresária da cantora Myllena, uma das selecionadas da edição, a alteração ajudará no custeamento da produção dos eventos, como aluguel de equipamentos, contratação de músicos e iluminação. Outra alteração realizada a pedido dos artistas foi a parceria entre as produções e o Central na divulgação. Três mil panfletos serão custeados pelo Teatro e distribuídos na promoção dos espetáculos selecionados. Gustavo Demetrius, produtor da "Isto Cia. Teatral", diz que a verba que deveria ser investida na melhoria das produções acabava sendo usada para divulgá-las. "É muito difícil conseguir patrocínio, então essa mudança foi pedida e atendida pelo Central", comemora.

Participaram da seleção 22 propostas, das quais 12 foram contempladas. Dos eventos a serem apresentados em 2009, destaca-se o show em comemoração aos 70 anos de Joãozinho da Percussão. Com 55 anos de carreira, o instrumentista juizforano dividirá o palco com diversos músicos com quem trabalhou ao longo de sua trajetória artística. Segundo Joãozinho, a ideia de realizar este show no Cine-Theatro Central foi sugestão dos amigos, e o músico, animado, acabou se inscrevendo para o projeto.

Criada em 2006, a "Isto Cia. Teatral" tem parte dos atores oriundos do grupo "Teatro de Comédia", ao qual pertenceu o ator e diretor Sérgio Lessa. A trupe tem marcada presença em todas as edições do projeto, com "Branca de Neve" (2007), "Quem matou o leão" (2008) e, agora, a

montagem de "O homem é o único animal que ri", selecionada nesta terceira edição. Baseada em dois textos do escritor Millôr Fernandes, a adaptação foi feita pelo patrono do projeto há quase 20 anos.

Celebrando os 30 anos de existência do grupo, o "TQ" irá apresentar a peça "O Camarim", premiada no 3º Grande Prêmio de Dramaturgia de Minas Gerais. A trupe contará com atores de outras companhias da cidade, além de seus próprios membros. A peça, escrita para o 30º aniversário do "TQ", é uma comédia policial de época e distancia-se um pouco das monta-gens do grupo, trazendo novidades para a apresentação.

Para a seleção, foram consideradas a qualidade artística, a relevância e a abrangência do produto cultural para a cidade, bem como a originalidade dos eventos. A comissão que avaliou as produções que pleiteavam as vagas foi composta pelo Pró-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves, pelo supervisor administrativo do Central, Marcelo do Carmo Rodrigues, pelo coordenador de projetos da UFJF, Paulo Roberto Soares de Oliveira, e pelo produtor cultural Célio Mendes Vidal.

Selecionados para a edição 2009 do Projeto Sérgio Lessa:

- Art-Vida – Grupo de Teatro Educativo As aventuras de Laurinha no Reino dos Mistérios Associação Artística e Cultural Coro
- Municipal de Juiz de Fora 15º Festival Internacional de Coros de Juiz de Fora Cia. Inércia Zero Sinestesia Gaitas da Cidade Show instrumental Isto Companhia Teatral O homem é o único animal que ri Joãozinho da Percussão Show 70 anos de carreira
- Marcos Magalhães Quatro Vezes Marcola Myllena Show beneficente Nanda Cavalcante Lançamento do CD "A outra margem" Os Mensageiros O Bicho-Papão Sociedade Cultural Ad Libitum – Scala 20º Curso Internacional de Música Scala
- Teatro de Quintal O Camarim





## MEMÓRIA GALERIA CELINA

Galeria Pio X, 2º andar, centro de Juiz de Fora. Lugar de tantas iniciativas importantes para a história da cidade, reserva espaço na memória como o endereço de um pioneiro recinto das artes, de espírito fecundo e irradiador, e ideário típico dos anos 60 – a Galeria Celina. Antiga sede da Sociedade Filarmônica de Juiz de Fora e do Núcleo Mineiro de Escritores, as acomodações do então escritório que Waldemar Bracher cedera para que seus filhos Décio, Carlos, Nivea e Celina organizassem uma exposição conjunta de seus trabalhos, seria marco de uma fomentação cultural sem precedentes na história de Juiz de Fora – a criação da primeira galeria de arte da cidade.

Porém, a morte da irmã caçula, a pintora Celina Bracher, em 7 de março de 1965, aos 30 anos, motivou a homenagem que seus irmãos lhe prestaram, ao batizar com seu nome o espaço recém-criado. Lúcida entusiasta das artes, Celina teve uma curta, porém marcante, trajetória na pintura; agraciada em festivais mineiros, participou ativamente da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras. Em memória à figura sensível e talentosa de Celina, a primeira galeria de arte de Juiz de Fora foi inaugurada em 18 de dezembro de 1965.

“Nós nos aprendíamos”, define Décio Bracher, traduzindo a verdadeira comunhão de pensamentos e de ações que o conjunto de duas salas pequenas e um salão maior com 16 metros quadrados abrigava. Após a exposição inicial dos irmãos Bracher, os trabalhos de Pierre Santos vieram de Belo Horizonte para estrear a Galeria. A partir de então, Pietrina Checcacci, Décio Noviello, Vicente Sgreccia, Wilma Martins, Dnar Rocha, Álvaro Lobo, Fani Bracher, Eliardo França e tantos outros nomes conhecidos

ou estreantes do cenário artístico local e nacional expuseram seus trabalhos naquele endereço. Cursos de cinema e sessões de teatro, coordenados por Natálio Luz, tomavam vulto, e o Coral Pio XII, embrião do atual Coral Universitário, também era sediado ali. “Abriamos depois do almoço e havia atividades todos os dias”, relembra Nivea Bracher. “Instalamos uma tela móvel para as sessões de cinema e tudo era feito com muita fraternidade”, descreve. “Mas a riqueza de ideias era tamanha que, naturalmente, vislumbraram aquele espaço como um núcleo de subversão. Inquéritos foram instaurados contra a Galeria Celina”, completa.

A arte e seus meandros, entretanto, figuraram como o interesse maior da Galeria até o encerramento das atividades, por volta de 1973. Não foi um término pontual, abrupto, e, sim gradual. “Os tempos se tornaram outros tempos”, afirma Nivea. “Décio casou, a carreira do Carlos deslançou, eu obtive uma bolsa de estudos e fui para a França”, enumera. Mas a semente já estava plantada. “Juiz de Fora já reconhecia a importância de valorizar a expressão artística – tanto que, em 1974, foi criada a Galeria Renato de Almeida, do Pró-Música, ocupando eficazmente o espaço deixado pela Galeria Celina”, reconhece Nivea.

Só restaram, pois, as boas lembranças. De uma sociedade mais encantadora, de uma juventude mais ativa, de ideias mais corajosas e de uma arte mais desbravadora. “A Galeria foi uma linda poesia”, resume Nivea. Hoje, Celina Bracher denomina um espaço para mostras de arte no andar térreo do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. A memória, felizmente, não a esqueceu.

AOD

## ENTREVISTA ARTHUR ARCURI

O engenheiro Arthur Arcuri é, sobretudo, um amante das artes: além de ter estudado livremente arquitetura, fotografia, música e artes plásticas, conviveu com grandes expoentes da cultura brasileira como Niemeyer, Drummond e Portinari. Adepto da arquitetura moderna, atuou na área, principalmente durante as décadas de 40 e 50. Qualquer incursão, ainda que breve, pelo acervo arquitetônico de Juiz de Fora, já seria capaz de revelar a diversidade dos projetos e a relevância da obra de Arcuri. O Marco Centenário da cidade, o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o Sport Club e a Santa Casa de Misericórdia são apenas alguns exemplos de edificações por ele concebidas.

**Embora tenha se dedicado a inúmeros projetos arquitetônicos, sua formação acadêmica é em engenharia civil. Como surgiu a paixão pela arquitetura?**

Foi até bom ter feito outro curso, porque, na minha época, o ensino da Faculdade Nacional de Arquitetura (situada no Rio de Janeiro, principal centro de formação de arquitetos no Brasil até 1950) era muito acadêmico. Aliás, Lúcio Costa foi nomeado diretor para promover uma reforma que modificasse essa situação, mas não aguentou e teve que sair. Depois de formado, ainda vivi no Rio por alguns anos fazendo cursos na área de engenharia. Durante esse tempo, frequentava muito a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e, dessa forma, passei a tomar conhecimento do que se fazia no mundo todo.

**A obra de seu irmão mais velho, Raphael Arcuri, influenciou seu trabalho?**

Não exerci influência sobre ele, nem ele sobre mim. Eu já tinha minha visão própria, pois vinha acompanhando o que era produzido em termos de arquitetura.

Nas décadas de 60 e 70, o senhor lecionou História da Arte na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (FAFILE) e na UFJF, mesmo sem nunca ter cursado a disciplina. Como adquiriu tanto conhecimento sobre o assunto?



Fiz cursos particulares de História da Arte e, paralelamente, fui comprando livros sobre arte e arquitetura. Montei uma boa biblioteca e escrevi alguns artigos sobre o assunto. Fui convidado para ensinar História da Arte no curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e, mais tarde, quando a Faculdade foi anexada à UFJF, passei a lecionar no campus.

**Qual a sua relação com a música?**

Sempre gostei. Quando eu estudava no Rio, ia muito ao Theatro Municipal. Eu o frequentava como claque – aquele que entra de graça, mas com a obrigação de bater palmas. Ficávamos espalhados: uns na plateia, outros na galeria. Certo vez, uma cantora brasileira desafinou, foi uma via geral e eu tive que aplaudir. O sujeito do meu lado me cutucou e disse: “Para com isso aí!” Também estudei música e fiz uma coleção de discos. Houve uma época em que eu promovia uma reunião semanal em casa, para a qual convidava vários músicos que davam conferências. Discutíamos sobre o que íamos ouvir e, depois, executávamos o disco.

**Que papel o poeta Murilo Mendes teve em sua vida?**

Devo muito de minha atividade cultural a ele. Toda quarta-feira eu ia a sua casa ouvir Mozart, porque ele era entusiasta do compositor. Através de minha amizade com Murilo, conheci Sylvio Vasconcelos – que era o chefe do Patrimônio Histórico em Belo Horizonte – e, depois, Rodrigo Melo Franco de Andrade – então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A convite do Dr. Rodrigo, trabalhei no Patrimônio durante 22 anos, cuidando de Tiradentes e São João Del Rei. Foi essa a época em que tive contato com Oscar Niemeyer e Lúcio Costa – mostrava todos os meus projetos ao Lúcio, que aprovava o que eu fazia de bom e sugeria melhoras nos outros casos.



**FORUM DA CULTURA**  
Rua Santo Antônio, 1112  
(32) 3215-3850  
www.forumdacultura.ufff.br  
Terça a sexta: 14h as 20h30

**GALERIA DE ARTE**  
*Maquetes Cenográficas.*  
Os mais diferentes tipos de matéria-prima dão vida a miniaturas dos cenários das peças do Grupo Divulgação, em seus mais de 40 anos de trajetória.

**MUSEU DE CULTURA POPULAR**

*Hoje tem espetáculo.*  
A história do circo, que no Brasil teve início no século XIX, é o tema da exposição que encanta pela riqueza de detalhes e traz à tona todo o imaginário da tradicional arte circense.

**MAMM**  
**MUSEU DE ARTE MURILO MENDES**

Rua Benjamin Constant, 790  
(32) 3229 9070  
www.mam.ufff.br  
terça a sexta: 10h as 18h  
sábados e domingos: 13 as 18h

**EXPOSIÇÕES**

*Via Del Consolato, 6 – Roma, Italianos na coleção Murilo Mendes.* Galeria Convergência. A crítica de arte foi poetizada por Murilo Mendes em sua obra *A Invenção do Finito*, que narra a percepção do escritor acerca das tendências artísticas de seu tempo.

*Pablo Neruda em Isla Negra,* Sara Facio. Galeria Poliedro. A reunião de imagens da fotógrafa Sara Facio e de textos de Pablo Neruda fundamenta a mostra, apresentando a residência, essencialmente, da obra *A idade do serrote*, dedicada às suas memórias de infância.

*Certidões do Tempo.* Galeria Retratos-relâmpago Coletiva de imagens de artistas juizforanos associadas aos textos de Murilo Mendes, retirados, essencialmente, da obra *A idade do serrote*, dedicada às suas memórias de infância.



CARLOS BRACHER, *Rio Paraibuna – Dragão*, óleo s/ tela, 1965



WANDYR RAMOS, *Paisagem com Igreja da Glória*, óleo s/ tela, s/ data.

## ARTES PLÁSTICAS CORES DA MEMÓRIA

Juiz de Fora é traduzida em cores, formas e linhas na exposição *Certidões do tempo*, em cartaz na Galeria Retratos-relâmpago do Museu de Arte Murilo Mendes. Trabalhos de artistas plásticos juizforanos como Renato Stehling e Carlos Bracher, ou que a elegeram para viver, como Dnar Rocha e Heitor de Alencar, integram a mostra – que associa as obras paisagísticas e de construções de Juiz de Fora à poesia de Murilo Mendes. A cidade em que este nasceu é cenário de destaque do livro *A idade do serrote* (1968), em que o poeta escreve sobre o pequeno universo de sua infância, criação repleta de personagens e paisagens locais, entre as quais o Parque Halfeld, a Praça da Estação, o Museu Mariano Procópio, o Rio Paraibuna e o Morro do Imperador.

É de *A idade do serrote* a maioria dos textos da exposição. Assim como distintos pontos de vista caracterizam o microcosmo criado por Murilo Mendes em sua obra escrita, para os artistas plásticos que a registraram em suas telas, Juiz de Fora assume visões extremamente pessoais em cada golpe de pincel. Dentre as obras expostas em *Certidões do tempo* estão trabalhos de vários nomes que fizeram a história da Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras (SBAAP).

Autor do livro *A Parreiras e seus artistas* (2004) e curador de quatro exposições que inauguraram a Galeria Antônio Parreiras, em 1999, na Praça da Estação, Lucas Marques do Amaral explica que “nos fins de semana, os associados partiam em pequenos grupos para pintar a periferia da cidade, como o parque do Museu Mariano Procópio ou os meandros do Rio Paraibuna”. “*Manchas*” era como chamavam suas pinturas de paisagem ao ar livre. “Eles gostavam muito de pintar ao natural”, explica Amaral.

Wandyr Ramos, Roberto Vieira, Jayme Aguiar e Roberto Gil são outros nomes de *Certidões do tempo* que imortalizaram imagens de Juiz de Fora e transformaram seus quadros em conteúdo documental de seu tempo. O Colégio Stella Matutina, motivo de polêmica na década de 60 – ao ser demolido para a abertura da avenida Independência – já não faz parte da composição arquitetônica da cidade, mas se revigora nos traços e cores fortes de Renato Stehling, em imagem de 1960.

Clério Pereira de Souza, o Pimpinel, representado na mostra pelo quadro *Rio Paraibuna*, iniciou-se na pintura de parede, tendo aprimorado sua técnica quando ingressou na SBAAP, onde recebia instruções dos mais experientes daquela instituição, inclusive de Sílvio Aragão. Este, que participa da exposição por sua extensa contribuição às artes plásticas da cidade, apresenta uma Juiz de Fora de baixas construções, cercada por seu mar de morros, formações típicas do relevo mineiro.

Carlos Bracher, que, em 1965, registrou o processo de dragagem do rio Paraibuna – importante passo para o desenvolvimento de Juiz de Fora ao acabar com as frequentes enchentes na cidade – descreveu em *Vista da Getúlio Vargas* uma avenida diferente da que hoje ilustra o centro e já não faz parte do dia a dia da população. Provida da mesma família tradicional de artes plásticas, Nivea Bracher complementa a exposição com, entre outros, *Praça da Estação*, onde ainda é possível testemunhar o trem sobre os trilhos

recolhendo passageiros e, ao fundo, o relógio da Estação. Trabalhos de seus irmãos, Celina e Décio, e de seu tio, Frederico Bracher Jr., primeiro presidente da Associação de Artistas Plásticos de Minas Gerais, completam a mostra.

**HISTÓRIA E LITERATURA**

Desde o século XIX, Juiz de Fora tem sua história contada através dos relatos dos cientistas viajantes, historiadores, jornalistas, escritores e poetas. “Quando se unem manifestações como a arte e a literatura, forma-se uma poderosa conexão, onde quem ganha é a memória da cidade. Ambas são de vital importância na história, pois, de formas diferentes, estimulam o conhecimento e a divulgação. São ações que despertam o pensar e, ao mesmo tempo, elevam a autoestima do cidadão em relação ao espaço em que vive.” A avaliação é do historiador e pesquisador Douglas Fazolatto, diretor superintendente do Museu Mariano Procópio.

Para as pesquisadoras Marisa Timponi e Leila Barbosa, autoras de *A trama poética de Murilo Mendes*, a literatura sempre estabelece um contato com a realidade, e o gênero de memórias é uma forma literária por meio da qual o homem pode restaurar as forças exauridas. “... quando se procura, no passado, a saída para o presente, visando o futuro, (...) está se tentando romper o círculo mágico da ciência...”, analisam em seu livro.

A obra do poeta Murilo Mendes faz parte da história de Juiz de Fora, assim como a Parreiras. Dedicados a fixar instantes perdidos na memória da cidade – recordados apenas por seus pincéis –, cada artista também colabora com a história local. *Certidões do tempo* é, portanto, mais uma contribuição do Museu de Arte Murilo Mendes para a cultura juizforana. Afinal, como escreveu Murilo, “a memória é uma construção do futuro, mais que do passado”.

GA



RENATO STEHLING, *Stella Matutina*, óleo s/ tela, s/ data

“... e nossas conversas ao longo da Avenida Rio Branco acham-se na base de minha formação espiritual. Que voltas me davam à cabeça!” Murilo Mendes

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira Pró-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves CINE-TEATRO CENTRAL Conselho Alessandro de Sá Gomes, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo Marcelo do Carmo Rodrigues

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável Nelma Fróes Edição Izaura Rocha Diagramação Lígia Lacerda Bolsistas Arthur Ovidio (AOD), Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) Fotógrafo Alexandre Dornelas Revisão Darlan Lulo, Maria Auxiliadora Borém www.theatrocentral.ufff.br (32) 3215-1400.